



Mulheres matemáticas: trajetórias de vida de egressas do IFMA Campus Buriticupu sob a perspectiva dos estudos de gênero

Women in mathematics: life trajectories of IFMA Campus Buriticupu graduates from a gender studies perspective

Antonia Thalia da Silva dos Santos¹
Instituto Federal do Maranhão - IFMA

Francisca Márcia Costa de Souza²
Instituto Federal do Maranhão - IFMA

Gabriella da Silva Mendes³
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

O presente estudo relata a trajetória acadêmica de mulheres que concluíram o curso de Matemática, no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Buriticupu, entre os anos de 2014 e 2022, utilizando os estudos de gênero como instrumento de análise. Este estudo busca elucidar as vivências de mulheres na matemática, destacando suas táticas e estratégias, evidenciando redes de apoio e aliados, sob a perspectiva dos desafios e das vitórias, objetivando fomentar debates sobre equidade de gênero no ambiente acadêmico e fortalecer a representatividade feminina na Matemática. Adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, apoiou-se nos pensamentos de Spindola e Santos (2003) com aplicação da metodologia da História de Vida, ressaltando a narrativa e a subjetividade dessas experiências. O estabelecimento de redes de apoio revela-se crucial para a superação de desafios. As vivências de Flávia, Marta e Laura (nomes fictícios) enfatizaram a importância de ambientes de apoio (emocional, técnico, pedagógico, familiar, científico) para o êxito acadêmico e a promoção da equidade de gênero nas instituições escolares.

Palavras-chave: Mulheres na Matemática; Questões de Gênero; História de Vida; IFMA.

ABSTRACT

The present study reports on the academic trajectory of women who completed the Mathematics course, at the Federal Institute of Maranhão (IFMA), Campus Buriticupu, between the years 2014 and 2022, using gender studies as an instrument of analysis. This study seeks to elucidate the experiences of women in mathematics, highlighting their tactics and strategies, highlighting support networks and allies, from the perspective of challenges and victories, aiming to encourage debates on gender equity in the academic environment and strengthen female representation in Mathematics courses. A qualitative methodological approach was adopted, based on the thoughts

¹ Graduada em Matemática pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Buriticupu, Maranhão, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Principal, S/N, Vila São Francisco, Acampamento, Buriticupu, Maranhão, Brasil, CEP: 65393-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-8740-1902>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7235951289319709>. E-mail: antoniathalias@mail.com.

² Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Professora no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Coelho Neto, Maranhão, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3856-1589>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2931497013763179>. E-mail: francisca.souza@ifma.edu.br.

³ Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - (2020-2024). Endereço para correspondência: Ilha do Fundão, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 21941901. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1580-4859>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1421538301501842>. E-mail: gabiufrj1@gmail.com.

of Spindola and Santos (2003) with the application of the Life History methodology, highlighting the narrative and subjectivity of these experiences. The establishment of support networks is crucial for overcoming challenges. The experiences of Flávia, Marta and Laura (fictitious names) emphasized the importance of supportive environments (emotional, technical, pedagogical, family, scientific) for academic success and the promotion of gender equality in school institutions.

Keywords: Women in Mathematics; Gender Issues; Life's history; IFMA.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre as trajetórias de vida de três ex-alunas que se formaram em Matemática no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Buriticupu, entre os anos de 2014 a 2022. A análise é feita sob a ótica dos estudos de gênero, com o intuito de compreender as experiências, táticas e estratégias dessas mulheres na área. Além disso, visa evidenciar as redes de apoio e aliados, considerando os desafios enfrentados e as vitórias alcançadas.

O estudo sobre a presença e representatividade feminina na Matemática é pautado em múltiplas motivações fundamentais. A promoção da equidade de gênero tanto no cenário educacional quanto profissional não apenas responde a uma demanda por direitos humanos e justiça social, conforme destacado pela ONU (2015), mas também reforça a compreensão de que a diversidade e a inclusão são catalisadores para o progresso e a inovação em todos os campos do saber, inclusive na Matemática.

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 5, estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), dedica-se à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento de mulheres e meninas. Tal objetivo enfatiza a necessidade de assegurar que as mulheres tenham acesso equitativo e pleno à educação, saúde, trabalho digno, além de participação ativa na política e nos processos decisórios em todos os âmbitos. Adicionalmente, ele visa erradicar todas as manifestações de discriminação e violência com base no gênero.

As mulheres enfrentam desigualdades estruturais e preconceitos que podem ter impactos negativos em sua motivação, confiança e oportunidades de avançar em suas carreiras na área científica. Oliveira-Silva e Parreira (2022) apontam diversos fatores que contribuem para a descontinuidade das mulheres em cargos relacionados às áreas STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Esses fatores incluem a presença do sexismo, manifestado por meio de comentários depreciativos, estereótipos negativos e casos de assédio; a existência de

disparidades em termos de oportunidades, resultando em salários mais baixos e menos chances de promoção; além do menor reconhecimento e prestígio na progressão de suas carreiras.

Portanto, investigar os desafios e as barreiras enfrentadas pelas mulheres na Matemática contribui para identificar e superar as limitações que impedem a plena realização do seu potencial e a efetiva participação na produção científica e tecnológica. Este estudo tem o potencial de gerar reflexões e discussões sobre a importância da representatividade feminina na Matemática, bem como de inspirar e motivar meninas e mulheres a seguir carreiras na área, ao apresentar exemplos de mulheres que enfrentaram e superaram os desafios impostos pela sociedade e pelo mercado de trabalho (BARROS, 2021).

Este trabalho visa fortalecer a representatividade feminina nas áreas de ciências exatas, com ênfase no Curso de Matemática. Para alcançar esse propósito, utilizaremos a metodologia de estudo de caso (YIN, 1995) para analisar as trajetórias de vida das mulheres formadas no Curso de Matemática do IFMA Campus Buriticupu, visando retratar a realidade das alunas que concluíram o curso. Além disso, são apresentadas as estratégias, alianças e redes de apoio estabelecidas por essas mulheres, a fim de identificar boas práticas e táticas que possam ser adotadas para estimular a participação feminina em carreiras relacionadas à Matemática.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, adotou-se a metodologia do estudo da História de Vida, uma abordagem que busca compreender experiências individuais em profundidade, permitindo que os participantes narrem suas trajetórias, desafios, conquistas e transformações ao longo do tempo. Esta metodologia, ao enfatizar a singularidade e a subjetividade de cada vivência, oferece uma perspectiva rica e detalhada das realidades enfrentadas, possibilitando uma análise mais profunda e humanizada das dinâmicas e contextos que moldam as experiências dos indivíduos no âmbito da pesquisa (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

As entrevistas conduzidas tiveram como objetivo principal compreender profundamente as perspectivas das participantes, fornecendo valiosas informações sobre como elas enfrentaram desafios, traçaram planos, estabeleceram alianças e adotaram estratégias para concluir o curso.

Todas as entrevistas foram registradas em gravações sonoras e posteriormente transcritas para fins de análise. As entrevistas obtidas passaram por um triplice processo.

Primeiramente, foram transcritas, onde se priorizou a reprodução exata do diálogo, mantendo sua integralidade. Em seguida, veio a etapa de textualização, na qual o foco estava no narrador, removendo-se intervenções do entrevistador e atribuindo-se total autoria da narrativa ao entrevistado. Por fim, houve a transcrição, momento em que o texto foi reestruturado para garantir clareza e compreensão, especialmente para quem não teve contato com a conversa original (LIMA, 2017).

ANÁLISES E RESULTADOS

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) campus Buriticupu-MA oferece o curso de Licenciatura em Matemática desde 2012. O programa, que tem duração de quatro anos, inicia suas atividades no segundo semestre anual. O objetivo principal do curso é preparar educadores qualificados para lecionar Matemática nos níveis fundamental e médio, fornecendo-lhes uma sólida formação em práticas pedagógicas eficazes, críticas e inovadoras (IFMA, 2014).

Para analisar o impacto e o desempenho do curso ao longo dos anos, é essencial avaliar os dados referentes ao número de alunos admitidos e os que concluíram. Neste contexto, a Quadro 1 apresenta uma análise ampla, comparando o número de alunos que entraram e concluíram o curso de Matemática em cada turma de 2014 a 2022, bem como as diferenças entre homens e mulheres em termos de admissão e conclusão do curso. O quadro nos ajuda a visualizar e entender a representação de gênero no curso de Matemática no Campus Buriticupu do Instituto Federal do Maranhão (IFMA).

Quadro 1 - Matrículas e egressos por gênero

TURMAS DO CURSO DE MATEMÁTICA (2014-2022)				
TURMA/ANO	MATRÍCULA INICIAL		FORMADOS	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
2014	16	17	0	3
2015	6	14	3	2
2016	6	19	1	4
2017	13	19	4	6
2018	4	15	0	0

2019	12	15	0	0
2020	4	14	0	0
2021	4	4	0	0
2022	2	9	0	0

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

No período compreendido entre 2014 e 2022, o foco desta pesquisa incide sobre nove turmas do curso de Matemática, onde até o momento atual da pesquisa, identificou-se oito alunas egressas do curso de Licenciatura em Matemática no campus do IFMA em Buriticupu. No entanto, houve dificuldades em estabelecer contato com uma dessas egressas. Assim, ao contextualizar a importância e os objetivos da pesquisa, convidamos as 7 alunas egressas para participar de uma entrevista, no entanto apenas 3 manifestaram interesse e disponibilidade para a pesquisa. Desta forma, as investigações da História de Vida foram conduzidas e gravadas respeitando a disponibilidades das participantes. Vale ressaltar que algumas das mulheres formadas já não residem no município de Buriticupu, fator que pode ter influenciado em sua participação.

Os estudos de gênero na matemática se justificam a partir da investigação crítica que examina as interações entre as construções sociais de gênero e a participação, experiência e conquistas na matemática. Simone de Beauvoir desvenda as construções socioculturais de gênero, argumentando que as mulheres são moldadas em relação ao homem, ocupando a posição do "Outro" em uma sociedade regida por normas masculinas, "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 1949), evidenciando que a identidade feminina é fruto de construções sociais e não uma essência inerente. Desta forma tais construções limitam as expectativas e oportunidades para as mulheres, influenciando diversas áreas, incluindo a matemática.

Esses estudos nos ajudam não só a identificar as disparidades de gênero na matemática, refletidas nas diferenças quantitativas de homens e mulheres que ingressam e concluem o curso, mas também a examinar a diferenciação no tratamento, a perpetuação de estereótipos e a falta de representatividade feminina no campo.

Judith Butler, introduzindo o conceito de performatividade de gênero em 1990, argumenta que o gênero não é uma essência ou identidade fixa, mas sim uma série de atos repetitivos influenciados por normas sociais. Para Butler, "gênero é performativamente construído pela própria 'expressão' que supostamente é seu resultado" (Butler, 1990), sugerindo que o gênero é uma prática contínua, moldada por expectativas sociais, e não uma característica inerente ao indivíduo.

Ao compreender como esses fatores afetam o engajamento e o sucesso em matemática, os estudos de gênero aspiram a criar fundamentos para estratégias educacionais que encorajem um ensino de matemática mais inclusivo e equitativo.

As narrativas da história de vida foram estruturadas em categorias. A fim de resguardar a identidade das envolvidas, empregaremos pseudônimos femininos, simbolizando distintas personalidades. As vivências destas mulheres são retratadas com base em seus testemunhos pessoais, coletados em entrevistas. A intenção central é situar os percalços e memórias dessas mulheres no cenário de sua formação acadêmica e interações com o universo matemático. Este viés investigativo propicia uma reflexão mais aprofundada sobre a inserção feminina nessa esfera de conhecimento e sua evolução na disciplina.

Ao considerar os registros sonoros e o subsequente trabalho de transcrição, textualização e transcrição, buscamos decifrar as concepções dos sujeitos acerca de suas trajetórias singulares, alinhadas ou em contraposição ao tema proposto em discussão (LIMA, 2017). O Quadro 2, traz uma breve apresentação das mulheres que participaram desta pesquisa: Laura, Marta e Flávia, todas matemáticas com personalidades distintas.

Quadro 2 – Alunas Egressas do curso de Matemática do IFMA

Laura	Marta	Flávia
Mulher de 52 anos, mãe e viúva, decidiu iniciar o curso de Matemática aos 46 anos.	Mulher negra, mãe de dois filhos e professora da escola pública.	Mulher, professora, adventista e mãe durante a graduação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Este estudo não se limita a simples citações ou a fragmentos de suas falas; em vez disso, propõe-se a narrar as histórias dessas mulheres de forma abrangente, com o objetivo de capturar

a essência de suas experiências e memórias ao longo de sua jornada acadêmica. O relato se aprofundará em suas vivências enquanto alunas do Curso de Matemática no IFMA, proporcionando uma visão detalhada de suas trajetórias.

Desigualdades de gênero e etarismo

A trajetória de indivíduos que desafiam convenções sociais para alcançar objetivos educacionais e profissionais é marcada por resistência, resiliência e determinação. A história de Laura é um reflexo dessa jornada, inserindo-se no cenário de mulheres que enfrentam múltiplas camadas de discriminação dentro do ambiente acadêmico. O propósito aqui é analisar e compreender, por meio da história de vida de Laura, como as adversidades moldam o percurso acadêmico e profissional de mulheres em contextos similares.

Em entrevista, Laura relata que desde a infância sempre gostou de matemática. No ensino fundamental, ela já demonstrava um entusiasmo pela disciplina, e essa era a única matéria que a fazia sentir-se verdadeiramente animada. No entanto, se casou muito jovem e teve que abrir mão de seus estudos. A realidade de sua época era que, no interior onde morava, estudar significava se deslocar para a cidade e trabalhar em casas de família para sustentar-se (LAURA, 2023).

Conforme os anos passaram, concentrou-se em sua vida de casada e na criação de seus quatro filhos, entretanto ela não queria que eles enfrentassem as mesmas dificuldades. Motivada pela notícia de que o ensino médio seria necessário no futuro para garantir oportunidades de emprego, voltou a estudar (LAURA, 2023).

Assim, com filhos pequenos e a responsabilidade de sustentar sua família, Laura retomou sua jornada acadêmica através do Telecurso 2000. Dedicou-se intensamente, completando o ensino fundamental em apenas dois anos, e concluiu também o ensino médio. Após esta conquista, iniciou sua trajetória na docência com ajuda da família. Ao expressar o desejo de se tornar professora, seu marido não a apoiou, refletindo uma visão de que mulheres trabalhando fora "humilhavam os homens". Ela defende que o casamento deve ser uma parceria com apoio mútuo entre os cônjuges (LAURA, 2023).

Momentos depois desta conquista, a vida lhe apresentou novos desafios quando ficou sozinha com os filhos pequenos, após a perda do marido. Então teve que aprender a gerenciar as finanças da família e se reinventar para garantir o sustento (LAURA, 2023).

Neste segmento da trajetória de Laura, são perceptíveis diversas manifestações de discriminação e desafios, particularmente aqueles enfrentados por mulheres que almejam transcender os papéis tradicionalmente atribuídos a elas. A narrativa de Laura alinha-se aos argumentos de Butler (1990) sobre a performatividade de gênero⁴ e como as normas de gênero enraizadas podem ser frequentemente manifestadas no cotidiano. Além disso, a experiência de Laura ilustra as observações de Beauvoir (1949) acerca das construções socioculturais de gênero que moldam as expectativas e oportunidades disponíveis para as mulheres. Este contexto reflete as análises de Collins e Bilges (2020) sobre os sistemas interligados de opressão que podem multiplicar as barreiras enfrentadas por mulheres, especialmente aquelas que desafiam as normas de gênero tradicionais ao perseguir carreiras em áreas STEM.

Ao recordar o momento em que entrou para o curso de matemática, Laura compartilha que seu professor e coordenador, dizia que estava ali para tirar dúvidas. No entanto, ela sentia que tudo era uma dúvida. Ela se via ouvindo mais do que falando, absorvendo as perguntas dos colegas e, aos poucos, encontrando respostas que nem sabia que procurava. Com o tempo, ela se familiarizou com o ambiente acadêmico e com os conteúdos, e passou a participar das discussões “de igual para igual”. Pois via o conhecimento como uma ferramenta de libertação, algo que a permitia “não ser engolida pelo mundo” (LAURA, 2023).

Durante sua jornada no IFMA, Laura e seus colegas, no segundo ou terceiro período, sentiram-se discriminados com a chegada de novos professores. Estes docentes, muitas vezes, presumiam que os alunos já tinham uma sólida base em matemática, desconsiderando as dificuldades reais de alguns. Ela se sentiu discriminada porque tinha que lidar com responsabilidades familiares, como cuidar de seus filhos, e de sua mãe idosa (LAURA, 2023).

Na faculdade, enfrentou intensa pressão, com atividade e trabalhos que ao invés de melhorar o coeficiente de rendimento pareciam reduzir suas notas. Chegou a perder uma prova devido a compromissos familiares e teve problemas para justificar sua ausência, sentindo que

⁴ Performatividade de gênero é um termo criado pela filósofa feminista Judith Butler em seu livro de 1990, *Gender Trouble*. Ela argumenta que nascer homem ou mulher não determina o comportamento.

os docentes frequentemente ignoravam as complexidades da vida dos estudantes (LAURA, 2023).

Observa-se a manifestação de discriminação por parte de professores que, frequentemente, desconsideram a diversidade de conhecimento prévio e as particularidades vivenciadas por estudantes adultos. A pressão acadêmica, muitas vezes, é insensível às demandas da vida fora do campus. As dificuldades de Laura ao integrar-se ao sistema educacional, dadas suas múltiplas responsabilidades e ausência de acomodações adequadas, chamam a atenção para a necessidade de mais políticas de apoio para estudantes que se enquadram em categorias não-tradicionais, como estudantes adultos e pais/mães estudantes (CORREIA; MESQUITA, 2005).

Também compartilhou sobre o enfrentamento ao etarismo. Sua jornada acadêmica no ensino superior começou aos 46 anos. Nesta fase encontrou-se constantemente diante de preconceitos associados à idade. Segundo Laura, muitos têm concepções equivocadas sobre o que significa "envelhecer", como se houvesse uma etiqueta ou um conjunto de regras definindo o que pode ou não fazer à medida que se envelhece. Contudo, ela ressalta que a identidade de uma pessoa não é ditada pela idade, mas sim pela determinação e aspirações (LAURA, 2023).

Ao longo de sua trajetória, foi comum ouvir insinuações questionando a adequação de suas escolhas para "alguém de sua idade". Contudo, ela sempre se consolava pensando: "e se algo maravilhoso estiver me aguardando nesta nova fase da vida?". Lamenta o fato de que, frequentemente, a sociedade tende a desvalorizar e até invalidar aqueles com mais experiência de vida, como se a idade fosse uma barreira ou houvesse um limite imposto pelo envelhecimento, uma espécie de "prazo de validade" (LAURA, 2023).

Desafiando o etarismo, Laura afirma: "ao observar ao redor, é notável ver inúmeras pessoas com 50 ou 60 anos em posições de destaque, tanto dentro quanto fora do campo educacional. Sinto-me profundamente orgulhosa da minha jornada. A cada vez que menciono que estudo Matemática no IFMA, tendo ingressado pelo ENEM, sou contemplada com olhares de respeito e admiração". Para ela, o encorajamento e os elogios que recebe elevam sua autoestima, e reafirmam que "nunca é tarde demais para aprender e crescer" (LAURA, 2023).

Laura enfatiza como a conclusão do curso de graduação oferece uma sensação de segurança e oportunidade. Para ela, essa segurança vem da estabilidade que a educação

proporciona, bem como da habilidade de debater temas com precisão e confiança. A educação, nesse contexto, não apenas aumenta o conhecimento, mas também fortalece a autoconfiança e a habilidade de expressar opiniões de forma mais assertiva. Ela destaca como a formação acadêmica é percebida positivamente pelos outros, elevando a autoestima e o respeito que os demais têm por ela. A graduação é vista como um reconhecimento de suas habilidades e conhecimentos, o que a torna mais confiante em suas interações com outras pessoas. Isso é especialmente importante quando se trata de oportunidades profissionais e pessoais (LAURA, 2023).

O envelhecimento, um processo biológico inerente a todos os seres humanos, engloba transformações tanto físicas quanto mentais e possui um impacto significativo na dinâmica social. No IFMA, a presença do machismo, etarismo e discriminação evidencia a necessidade de tornar visíveis as lutas das mulheres, sobretudo aquelas que, desafiando convenções sociais, optam por continuar seus estudos e carreira em momentos não convencionais de suas vidas. A representatividade e os exemplos positivos tornam-se essenciais para inspirar, encorajar e validar as experiências de outras mulheres em circunstâncias similares.

A história de Laura sublinha a capacidade da educação de ser uma ferramenta de empoderamento, proporcionando não apenas competências práticas, mas também autoconfiança, autenticidade e reconhecimento social, ilustrando a fundamental importância de garantir o acesso à educação para todas as pessoas, independentemente de gênero, idade ou status social.

Hostilidades, violências e discriminações de gênero

Ao analisar a história de vida de Marta, cujo perfil é similar ao de inúmeras mulheres – sendo mãe, negra e professora –, confrontamo-nos com episódios alarmantes de tratamentos hostis e violências cometidas por docentes.

Esta história é marcada pela multiplicidade de papéis que Marta, uma mulher preta que estudou apenas em escolas públicas, exerce simultaneamente, sendo mãe de dois filhos, esposa e também professora da rede municipal de ensino. Decidiu ingressar no curso de Matemática, motivada por sua afinidade e desempenho destacado na disciplina durante o ensino médio. Contudo, sua jornada acadêmica iniciou-se com desafios consideráveis, uma vez que as

exigências e complexidade da Matemática do ensino superior se mostraram substancialmente diferentes das experiências anteriores no ensino médio (MARTA, 2023).

Ela recorda dizendo: "Quando eu cheguei lá, eu descobri que eu não sabia, que eu não sabia era de nada.". Essa insegurança inicial a fez acreditar que era incapaz, e ela expressou isso a um de seus professores, dizendo: "Aí teve até uma vez... eu disse, professor, eu não sei, eu sou burra, eu não sei isso aí." A resposta do professor, no entanto, foi de apoio e encorajamento. Sua jornada acadêmica foi testada por momentos de dúvida e desânimo. Havia dias em que ela dizia a si mesma: "Eu não vou, porque eu não sei disso. Eu não vou." Ela chegou a considerar seriamente a possibilidade de desistir. No entanto, seu marido desempenhou um papel fundamental como um pilar de apoio. Ele a incentivou a continuar lembrando-a de que ela já estava no meio do curso (MARTA, 2023).

Durante a graduação, muitas colegas de Marta desistiram, restando apenas três alunas. Sua turma enfrentou desafios adicionais com a atitude de um professor, minando a confiança dos estudantes ao insistir que “a matemática era pra quem sabia”. Ele frequentemente desvalorizava as vivências dos alunos, contrastando-as com sua própria história de superação (MARTA, 2023).

Suas palavras eram desencorajadoras, conforme ele enfatizava que, se os alunos chegassem sem conhecimento básico, não teriam lugar no curso e deveriam abandoná-lo. Sua postura rígida e exigente criou um ambiente que prejudicou a motivação e a autoestima dos estudantes, costumava prolongar as provas até 12 horas da noite, às vezes chegava a ultrapassar este horário, quando era dias de prova. Entregar a avaliação nesse contexto era uma experiência desafiadora, e Marta enfatiza que ela e seus colegas frequentemente saíam das aulas sem compreender completamente o conteúdo (MARTA, 2023).

Em um episódio como esse, se viu obrigada a abandonar a prova incompleta pela necessidade de voltar para casa para amamentar seu filho. E em algumas ocasiões, em que não tinha ninguém para cuidar dele, ela o levava consigo para as aulas. Ela menciona que, nesses momentos, os colegas de turma se uniam e ajudavam, “às vezes ele ficava no cantinho brincando”. Marta conta que sua jornada acadêmica foi sustentada em parte pelo apoio e amizade de pessoas especiais em sua vida, e essa rede de apoio não estava restrita apenas às

meninas da turma; os meninos também faziam parte desse esforço conjunto. Quando se sentia desmotivada, eles ligavam encorajando-a a ir para a aula (MARTA, 2023).

A postura do docente, ao insinuar que a matemática é destinada exclusivamente aos que "sabem" encorajando à desistência, evidencia um exemplo de violência simbólica⁵, menosprezando a capacidade de Marta e suas colegas com base em preconceitos presentes nas ciências exatas, configurando um ambiente desumano e hostil. Esta manifestação de violência simbólica, conforme conceituado por Bourdieu (2002), é um mecanismo por meio do qual preconceitos e desigualdades são naturalizados e perpetuados no ambiente educacional.

A prática de estender as avaliações até a meia-noite, aliada à desconsideração das necessidades maternas de Marta, ilustra exemplos de violência institucional. Esta rigidez e falta de empatia penalizam desproporcionalmente as mulheres, sobretudo aquelas que são mães, reiterando a observação de Sígolo, Gava e Unbehaum (2021) sobre as múltiplas desigualdades enfrentadas pelas mulheres em diferentes esferas sociais. Estas manifestações de violência, tanto simbólica quanto institucional, ressaltam a necessidade de uma abordagem educacional mais inclusiva e sensível às diversas realidades e desafios enfrentados pelas estudantes.

Marta destaca que, apesar das adversidades enfrentadas devido à atitude de um professor em particular, muitos outros docentes apoiaram e encorajaram a turma. Ela ressalta que, enquanto a maioria das salas de aula tinha uma presença predominante de homens, a presença de mulheres era vista como algo notável e positivo por esses educadores. Eles admiravam a resiliência das mulheres que conciliam estudos, maternidade, casamento e trabalho. Marta guarda memórias afetuosas de sua professora de didática, a quem os colegas carinhosamente chamavam de "nossa psicóloga" e confiavam para compartilhar suas inquietações sobre o curso (MARTA, 2023).

Durante sua trajetória acadêmica, Marta teve que lidar com o desafio da doença de sua mãe, que foi diagnosticada com câncer, pois ela sempre foi o seu pilar de apoio, incentivando e celebrando suas conquistas, e sendo uma fonte constante de encorajamento (MARTA, 2023).

⁵ O conceito foi definido por Bourdieu como uma violência que é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo.

Além da família, Marta destaca o apoio das colegas de curso, inclusive as que trabalhavam na porta. Elas forneciam incentivo e solidariedade às alunas, valorizando a presença feminina no curso de matemática (MARTA, 2023).

Durante a elaboração da monografia, Marta enfrentou momentos de profundo desânimo, chegando a pensar em desistir e questionando sua capacidade. Essa fase foi marcada por lágrimas e dúvidas. No entanto, após concluir a graduação, ela se viu transformada, enxergando novos horizontes e fortalecendo sua autoconfiança. Com a sensação de que "Posso fazer qualquer coisa", Marta buscou oportunidades de emprego no estado. Embora aprovada, ela ainda aguarda uma posição. A experiência acadêmica e a crença em suas habilidades a motivam a buscar novas oportunidades e aspirações (MARTA, 2023).

A existência de uma rede de apoio, seja ela familiar, acadêmica ou profissional, é fundamental para superar adversidades. A solidariedade demonstrada por seus colegas, a parceria e o suporte nos momentos mais árduos, somados ao reconhecimento de alguns professores, evidenciam a importância da empatia e da colaboração mútua. Estas ações contribuíram para desconstruir estigmas e preconceitos perpetuados por certos docentes. Tal suporte possibilitou que Marta persistisse até a conclusão do seu curso, fortalecendo a autoconfiança, empoderando-a e expandindo as possibilidades em sua trajetória profissional.

Sororidade e rede de apoio frente às discriminações de gênero

A história de vida de Flávia no IFMA revela uma série de situações em que ela enfrentou discriminação e violência de gênero, mas também marcada por momentos de crescimento e superação.

Embora tenha se destacado em matemática no ensino médio, os primeiros dias na universidade foram intimidantes. Contudo, ela viu no curso uma chance de aprofundar seus conhecimentos e obter oportunidades de emprego em uma área com demanda por profissionais qualificados. Flávia revelou que, frequentemente, as meninas eram menos valorizadas que os meninos em relação à matemática. Quando decidiu cursar matemática, enfrentou muitas críticas, inclusive de membros da própria família. Comentários do tipo: "Você está louca por escolher matemática como sua carreira", "Isso não é para você" (FLÁVIA, 2023).

Flávia enfrentou dificuldades significativas na disciplina de geometria plana durante a graduação. Neste período estava em licença maternidade. E a professora a atribuiu um total de 240 questões para repor sua nota, em contraste com as 10 questões enviadas pelos demais professores. Mesmo com as responsabilidades domésticas e a maternidade, se dedicou incansavelmente a essa tarefa. Ela informou que mantém guardado esses materiais até hoje como lembrança de um momento muito difícil. Pois mesmo atingindo uma nota oito, a professora a informou de que deveria fazer a prova final (FLÁVIA, 2023).

O tratamento oferecido a Flávia durante sua licença maternidade, caracterizado pela atribuição de atividades excessivas, configura um exemplo de discriminação de gênero. Esta situação reflete não somente uma ausência de entendimento e empatia acerca das demandas associadas à maternidade, mas também perpetua estereótipos negativos sobre as competências das mulheres, em especial, as que são mães. Conforme elucidado por Moschkovich e Almeida (2015), às normas de gênero enraizadas na sociedade muitas vezes propagam preconceitos e expectativas desfavoráveis em relação às mulheres, especialmente no contexto profissional e acadêmico. Além disso, a discriminação de gênero interseccional, onde o gênero se entrecruza com outros eixos de identidade como a maternidade, pode agravar as disparidades e desafios enfrentados pelas mulheres (COLLINS; BILGES, 2020).

Durante a gravidez, Flávia admitiu haver um momento em que pensou em desistir do curso, mas com o apoio do marido, continuou. Após muitas conversas ela percebeu que não deveria desperdiçar o tempo e esforço investidos e acreditava que desistências deveriam ocorrer no início do curso, não quando estava próxima de concluir (FLÁVIA, 2023).

Flávia expressou profunda gratidão pelo apoio incondicional de seu marido em sua jornada profissional. Além de não ser ciumento, ele a incentivava, permitindo-lhe focar em sua educação e carreira. Ele assumia responsabilidades, como cuidar da filha e prepará-la para a escola. Ao compartilhar sua rotina agitada e cansativa, “assim, chegar cansada, exausta... No outro dia, 6h, está indo de novo para o trampo. Aí é marido, é casa, é trabalho, e final de semana é a igreja”, ela afirma que o suporte do marido em equilibrar trabalho, família e compromissos foi extremamente recompensador (FLÁVIA, 2023).

Ao relatar sua rotina agitada, Flávia articula o esforço necessário para balancear trabalho, família e outros compromissos, uma realidade que muitas mulheres enfrentam, conforme discutido por Moschkovich e Almeida (2015).

Durante sua jornada acadêmica, Flávia tinha uma situação financeira estável, mas enfrentava desafios com transporte e horários da universidade. Seu marido a buscava todas as noites, até que ela adquiriu uma motocicleta. Com isso, podia retornar das aulas que terminavam tarde, às 22h50, muitas vezes sozinha, mas ocasionalmente acompanhada de amigos que moravam no mesmo trajeto. Recordando com alívio, Flávia rememora os momentos tensos em que voltava para casa com o coração apertado, alertando previamente o marido para esperá-la no portão, temendo eventuais assaltos (FLÁVIA, 2023).

A insegurança vivida por Flávia ao retornar para casa durante a noite é emblemática do medo que permeia o cotidiano de muitas mulheres, refletindo lacunas na garantia de segurança pública. Este cenário ressalta as ideias de Collins e Bilges (2020), que discute como as interseções de gênero moldam as experiências vividas. Assim a insegurança pública pode se entrelaçar com a percepção e experiência de gênero no espaço público. A sensação de vulnerabilidade que Flávia enfrenta ao navegar pelo espaço público durante a noite é um reflexo de como as questões de gênero permeiam múltiplas facetas da vida cotidiana.

Flávia foi marcada por um episódio com um professor cuja postura rígida e aparente superioridade lhe causavam ansiedade a cada encontro. Ao recordar tais momentos, um desconforto visível a envolvia. Ela percebia que essa postura do docente criava um ambiente hostil para os alunos, fazendo-os sentir-se desencorajados e menosprezados. Questionada sobre o tratamento do professor em relação às mulheres, Flávia acreditava que ele confiava menos nas alunas, parecendo pensar que elas não possuíam a mesma capacidade dos homens da turma (FLÁVIA, 2023).

Os comentários de colegas e professores fizeram Flávia questionar seu lugar no curso, chegando a duvidar da sua capacidade. No início, ela queria se aproximar de alguns colegas, mas temia não ser aceita ou que pensassem que tinha intenções de interesses. Ela também compartilhou como se sentiu isolada em um momento em que estava lidando com uma disciplina particularmente exigente. Trabalhando em dois empregos e enfrentando uma agenda

lotada, Flávia frequentemente se via sem tempo suficiente para realizar as atividades acadêmicas. (FLÁVIA, 2023).

A história de vida de Flávia no IFMA revela uma série de situações em que ela enfrentou discriminação e violência de gênero, manifestadas tanto explicitamente quanto de forma velada. Os comentários e críticas voltados a Flávia, principalmente quanto à sua opção de carreira no campo da matemática, ecoam os estereótipos de gênero que corroboram a concepção de que algumas áreas de estudo, especialmente as ciências exatas, são predominantemente masculinas (SOUZA; LOGUERCIO, 2021). A atitude de um dos professores, percebida como hostil em relação às estudantes femininas, reforça essa noção. O ambiente intimidante gerado por tal postura desencorajou e desvalorizou as estudantes, impactando negativamente sua autoconfiança e desempenho acadêmico. Esta narrativa evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas inclusivas que fomentem um ambiente de aprendizagem equitativo e respeitoso, propiciando o florescimento acadêmico e profissional de todos os estudantes, independentemente de seu gênero.

Em alguns momentos, Flavia, sendo adventista, enfrentou desafios com uma disciplina ministrada às sextas-feiras. Seu professor sugeriu que ela reprogramasse a matéria. No entanto, o curso oferece essa disciplina apenas uma vez por ano, e algumas delas são pré-requisitos para outras. Portanto, uma reprovação poderia atrasar o curso em um ano ou até mais. Flávia sugeriu a possibilidade de realizar as atividades remotamente, mas o professor discordou, argumentando que ela não aprenderia dessa forma (FLÁVIA, 2023).

A intersecção entre gênero e religião configura um espectro relevante de análise, pois revela camadas múltiplas de identidade que podem interagir de maneira complexa no ambiente acadêmico. A experiência de Flávia, ao confrontar a incapacidade da universidade em acomodar suas necessidades religiosas, evoca uma reflexão sobre a inflexibilidade e insensibilidade institucional diante da diversidade religiosa e de gênero. Embora a situação vivenciada por Flávia não se configure estritamente como uma questão de gênero, ela evidencia uma lacuna na inclusão e no respeito à diversidade, aspectos cruciais para a construção de ambientes acadêmicos mais equitativos e inclusivos.

Flávia sentia-se frustrada por não ter concluído a graduação no tempo planejado, especialmente ao ver os colegas se formando. Ainda que sua gravidez não tenha impactado

diretamente seu progresso acadêmico, ela enfrentou ansiedade por se sentir atrasada. Contudo, o vínculo estabelecido com novas colegas e o apoio mútuo entre elas fortaleceram sua motivação e determinação, evidenciando o papel crucial da sororidade em sua jornada (FLÁVIA, 2023).

Já formada em matemática, está aproveitando sua nova fase da vida. Logo após a formatura, surgiu uma oportunidade de lecionar na comunidade onde já atua, em uma escola situada a 55 km de seu município de origem. Embora inicialmente hesitante devido à responsabilidade, durante uma conversa com seu irmão, começou a perceber a importância da oportunidade que estava diante dela. Encorajando e lembrando-a de que a região precisava de professores de matemática e que ela estava em posição de preencher essa lacuna. A realidade de seus alunos é como a de muitas das escolas do campo, com turmas multisseriadas. Uma única turma composta por alunos do 6º ao 9º ano, totalizando cerca de 15 estudantes. Nessa escola, havia algumas dificuldades em estimular o interesse dos alunos, sobretudo na disciplina de matemática (FLÁVIA, 2023).

Com orgulho, Flávia contou sobre o bom desempenho dos seus alunos na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), um resultado inédito para a escola. Os elogios da diretora e o entusiasmo dos alunos em suas aulas a motivaram ainda mais. Ela descreveu a felicidade que sentia quando via seus alunos interagindo e fazendo perguntas durante as aulas. Determinada a mudar a percepção de que a matemática era difícil, e inacessível para alguns dos seus alunos, especialmente as meninas, Flávia adotou métodos de ensino dinâmicos (FLÁVIA, 2023).

Após concluir a Licenciatura em matemática, Flávia experimentou um notável fortalecimento na autoconfiança pedagógica. Ela contempla a ideia de ensinar não apenas no ensino fundamental, mas também no ensino médio. Apesar de reconhecer os desafios de certos conteúdos, está decidida a se aperfeiçoar. Com uma postura empoderada, Flávia enfatiza que, apesar das adversidades, o esforço pessoal pode levar ao alcance de objetivos. Refletindo sobre sua jornada, ela expressa que, se tivesse a maturidade atual no passado, teria ajustado sua abordagem e relacionamentos, evitando ser afetada por críticas negativas e desmotivadoras (FLÁVIA, 2023).

A trajetória de Flávia ilustra uma jornada de empoderamento, marcada pelo rompimento com as barreiras de estigma e discriminação de gênero. A autonomia alcançada em sua vida acadêmica e pessoal foi potencializada pelo apoio do marido e pela sororidade compartilhada com outras mulheres, além do incentivo familiar, sendo estes elementos cruciais para superar desafios enfrentados. Este relato enfatiza a relevância da solidariedade e apoio mútuo entre mulheres no combate à discriminação e violência de gênero (HOOKS, 1984), destacando a criação de ambientes mais inclusivos e a força da coletividade feminina na resistência contra adversidades em uma sociedade patriarcal.

Na análise das vivências acadêmicas de Flávia, Marta e Laura no IFMA, destaca-se uma série de desafios comuns, ligados predominantemente à questão de gênero. Todas enfrentaram uma desvalorização em suas escolhas na área da matemática, refletindo as construções sociais sobre a participação feminina na ciência (ALMEIDA; SOARES, 2012). Além disso, experimentaram pressões acadêmicas intensificadas pela maternidade, ecoando o conceito de "dupla jornada" proposto por Saalfeld (2019). Confrontaram-se ainda com ambientes acadêmicos hostis, marcados por docentes que, frequentemente, questionavam suas competências, ilustrando as barreiras que muitas mulheres enfrentam no ambiente educacional (OLIVEIRA-SILVA; PARREIRA, 2022). Adicionalmente, Flávia e Laura relataram a complexidade de conciliar compromissos acadêmicos com responsabilidades familiares, refletindo as multifacetadas pressões vivenciadas por mulheres no contexto educacional.

As estratégias, alianças e redes de apoio emergem como elementos catalisadores na configuração das trajetórias acadêmicas de Flávia, Marta e Laura, atuando como suporte indispensável nos momentos de adversidade. O tecimento de relações significativas com colegas propiciou a construção de um ambiente de colaboração e ajuda mútua, revelando-se crucial para a superação dos desafios acadêmicos e pessoais. Esta rede de apoio viabilizou não somente uma troca enriquecedora de conhecimentos e experiências, mas também ofereceu um suporte emocional, que atenuou os impactos das pressões acadêmicas e das discriminações enfrentadas (JULIANO; YUNES, 2014).

A narrativa de Flávia, Marta e Laura ilustra de maneira vívida como a interação entre as redes de apoio, alianças estratégicas e a participação em atividades complementares pode engendrar um ambiente propício para a superação de desafios, enfatizando a importância de

estruturas de apoio bem definidas para engendrar o sucesso acadêmico e promover a equidade de gênero no ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, exploramos as trajetórias de mulheres que optaram pela graduação em Matemática. Foi notório que estas mulheres já nutriam uma afeição pela disciplina desde o ensino médio, apresentando resultados destacados. Esse interesse as conduziu à decisão de aprofundar seus conhecimentos e buscar uma formação acadêmica que lhes proporcionasse crescimento tanto pessoal quanto profissional.

Através da abordagem da história de vida, objetivamos ampliar a representatividade feminina no curso de Matemática, evidenciando as diversificadas realidades e estratégias empregadas por elas. Esse panorama visa não apenas inspirar meninas e mulheres a se juntarem ao curso, mas também fomentar a criação de uma rede solidária de apoio, incentivando o ingresso de um maior número de estudantes do gênero feminino.

Fomos motivados pela urgência de explorar e mostrar as adversidades enfrentadas pelas egressas, incluindo os abusos morais e sexuais sofridos por elas ao longo da trajetória acadêmica, silenciamentos e apagamentos, pedaços de memórias atravessados de discriminações de gênero nem sempre são imediatamente perceptíveis, evidenciando as formas estruturais de violência contra as mulheres na matemática. Este trabalho, portanto, mostra a realidade acadêmica das estudantes do curso de matemática no IFMA, marcada por inúmeros traumas e angústias. Violência esta, reforçada pela aparente naturalização por parte da instituição, que, ao negligenciar dados tão expressivos, não demonstram o devido comprometimento ou sensibilidade em relação aos problemas relatados.

As narrativas das ex-alunas destacam vivências que, sob a luz dos estudos de gênero, manifestam-se como discriminações muitas vezes veladas, mas veladas para quem? Já que elas são estrategicamente estruturadas e disseminadas no cotidiano escolar? Práticas como comportamentos hostis de docentes, comentários misóginos e brincadeiras sexistas, marginalizam e desvalorizam as vivências acadêmicas das mulheres, emergindo como grandes preocupações das mulheres matemáticas constantes nos relatos analisados. Durante seus estudos na educação superior, as diferenças de gênero privilegiam os homens. A desvantagem

das mulheres na Matemática engloba fatores sociais, econômicos, culturais e educacionais, evidenciando um processo de socialização baseado nos estereótipos de gênero, em que a inferioridade e incapacidade intelectuais são transmitidos às meninas desde à infância, o que contribui com a redução da confiança e interesse nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM).

As trajetórias de egressas, exemplificadas por Flávia, Marta e Laura, ressaltaram o papel crucial das redes de apoio e as alianças no enfrentamento de adversidades e no alcance do êxito acadêmico. Esses relatos destacam que, para muitas mulheres, é fundamental desenvolver “meios de sobrevivência” em um ambiente hostil e permeado de discriminação. A história de vida destas mulheres elucidam as múltiplas realidades enfrentadas no campo da Matemática, sublinhando a necessidade de promover ambientes acadêmicos que sejam mais acolhedores, inclusivos e sensíveis às particularidades do ensino e aprendizado desta área do conhecimento, que muitas vezes se apresenta com uma postura rígida e pouco empática, destacando os preconceitos dos próprios professores, que impõem seus valores e visões de mundo, valendo-se da autoridade docente, que podem comprometer o desempenho das mulheres, impactando na exposição a oportunidade de aprendizagem, de atividades extracurriculares, pesquisas e outros.

Este trabalho, portanto, não pretende exaurir as discussões relativas à equidade de gênero no contexto acadêmico. Ao contrário, almejamos, a partir dos relatos e experiências compartilhadas, ressaltar a importância da representatividade e dar visibilidade às questões sensíveis que permeiam a vida adulta das mulheres matemáticas.

Concluindo, este trabalho enfatiza a imperativa necessidade de revisão e reconfiguração das práticas e das políticas educacionais, visando não apenas a promoção de um ambiente acadêmico inclusivo e equitativo, mas também a humanização do curso de Matemática. É fundamental que este seja sensível às complexidades da vida adulta e à realidade local na qual o Instituto Federal está inserido. Espera-se que as reflexões e conclusões apresentadas aqui possam fomentar debates mais profundos acerca das relações de gênero na educação e, aliadas a uma perspectiva mais humanizada, contribuam para a construção de um ensino superior que seja verdadeiramente representativo, justo e conectado com as demandas e particularidades de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S.; SOARES, M. Mudaram os tempos; mudaram as mulheres? Memórias de professoras do Ensino Superior. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 17, n. 2, p. 557-580, jul. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772012000200013>.

ASSIS, E. S. As Relações de Gênero na Licenciatura em Matemática. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, v. 9, n. 1, pág. 54, 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/6921> . Acesso em: 25 jun. 2023.

BARROS, M. N. C. **Incentivo da mulher à prática e estudo das ciências e matemática**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Física) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43348>. Acesso em: 24. mai. 2023.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4 ed. Difusão Européia do Livro, 1949.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. Routledge, 1990.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CORDEIRO, J. C. A.; BARBOZA, P. L. Nos Embarços da Interdição: Desvelando Discursos acerca da Mulher com a Matemática. **e-Mosaicos**, v. 10, n. 23, p. 131–147, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/53641>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CORREIA, A; MESQUITA, A. **Os estudantes adultos não tradicionais e a aprendizagem no Ensino Superior: linhas orientadoras para uma melhor integração destes novos públicos**. Artigo submetido à 6ª Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, 26-28, ESTG, Bragança. 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/302859258.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas foram denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, pág. 257–272, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt . Acesso em: 18 jun. 2023.

FLÁVIA. **Entrevista**: [out. 2023]. Entrevistadora: SANTOS, A. T. S. Buriticupu, 2023. 1 arquivo .mp3 (104 min.).

GONÇALVES, B. M. V., SILVA, P. A. GONÇALVES, B. M. V., FROTA, D. A. CARDOSO, M. B. Mulheres na Ciência e Matemática: o que Dizem as Teses e Dissertações.

Jornal Internacional De Estudos Em Educação Matemática, v. 15, n. 3, p. 364–372, 2023. Disponível em: <https://jiecem.pgsskroton.com.br/article/view/9791>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HECK, M. F.; PRETTO, V. "Reflexões sobre as Intrínsecas Relações entre Gênero e a Matemática". Vivências. **Revista Eletrônica De Extensão Da URI**, 2018. Disponível em: http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_026/artigos/pdf/Artigo_24.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

HOOKS, B. **Feminist Theory: From Margin to Center**. South End Press, 1984.

IFMA. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO - Buriticupu, 2014. **Projeto de curso de licenciatura em matemática**. Disponível em: <https://buriticupu.ifma.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2019/03/PPC-LICENCIATURA-EM-MATEM%C3%81TICA-IFMA-BURITICUPU.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 3, pág. 135–154, conjunto. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>.

JUNGES, D. L. V.; ROSA, L. P.; CONTE, A. R. Mulheres matemáticas: esse assunto está em pauta? **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7737>. Acesso em: 18 jun. 2023.

LAURA, **Entrevista**: [out. 2023]. Entrevistadora: SANTOS, A. T. S. Buriticupu, 2023. 1 arquivo .mp3 (72 min.).

LIMA, R. B. Estudos Culturais e Literatura Oral do planejamento à transcrição, textualização e transcrição. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, 4(2). 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1054>. Acesso em: 18 out. 2023.

MARQUES, E. L. G.; PINHEIRO, J. M. L. Lugar de mulher é... também na matemática: compreensões a partir da perspectiva da Educação Matemática Crítica. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 24, n. 3, pág. 558–590, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/59205>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MARTA, **Entrevista**: [out. 2023]. Entrevistadora: SANTOS, A. T. S. Buriticupu, 2023. 1 arquivo .mp3 (77 min.).

MELO, C. I. B. de. Relações de gênero na matemática: o processo histórico-social de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressoras. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 189–200, 2018. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v24n1.34424>.

MOSCHKOVICH, M.; ALMEIDA, A. M. F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 3, pág. 749–789, conjunto. 2015. <https://doi.org/10.1590/00115258201558>.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil**. Brasília: Casa ONU Brasil, 2012. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 24 mai. 2023.

OLIVEIRA-SILVA, L. C.; PARREIRA, V. A. D. “Barreiras e enfrentamentos de mulheres em carreiras predominantemente masculinas”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e74161, 2022. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n174161>.

SÍGOLO, V. M.; GAVA, T.; UNBEHAUM, S. Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. **Cadernos Pagu**, n. 63, e216317, 2021. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630017>.

SILVEIRA, N. S. S.; GUSMÃO, T. C. R. S.; JARDIM, S. R. M.; et al. Elementos que condicionam a presença de mulheres no âmbito da Educação Matemática na Bahia: uma análise com base nas relações sociais de gênero. **Revista de História da Educação Matemática**, v. 9, p. 1–20, 2023. Disponível em: <https://www.histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/view/533>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOUZA, J. B.; LOGUERCIO, R. Q. Fome de quê? A [in]visibilidade de meninas e mulheres interdidas de atuarem na Educação das áreas Exatas. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 27, p. e21069, 2021. <https://doi.org/10.1590/1516-731320210069>.

SOUZA, L. G. R.; OLIVEIRA, M. A. A Matemática Como Discurso: uma análise da relação mulher-matemática na obra O Homem Que Calculava, de Malba Tahan. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 33, p. 871–891, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a21>.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R.D.S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 2, pág. 119–126, jun. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>.

YIN. Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.

HISTÓRICO

Submetido: 10 de dezembro de 2023.

Aprovado: 05 de março de 2024.

Publicado: 15 de abril de 2024.